



# PROJETO DE VIDA

A vertiginosa aceleração do tempo e a incerteza quanto ao futuro vivenciadas pelas pessoas na atualidade dificultam o processo de construção de um projeto de vida e carreira, pois minam sua capacidade de planejamento e projeção

POR RENATO GUIMARÃES FERREIRA



**Vivemos um tempo de dúvidas.** A multiplicação vertiginosa de opções para o indivíduo e a forte redução dos ciclos de tempo nos levam a uma necessidade contínua de tomar decisões com impacto sobre nosso futuro. Diante dessa necessidade, muito tem se falado da importância de projetos de vida ou de carreira, para nos orientar. Ainda que haja uma grande amplitude na construção do significado de projeto, boa parte das acepções correntes fundamenta-se no entendimento de que é preciso conhecer com clareza o objetivo a ser alcançado em um momento específico no futuro.

Esse entendimento particular estimula as pessoas a iniciar a elaboração de seu projeto identificando as coordenadas de um ponto determinado no futuro para o qual seus esforços de desenvolvimento devem convergir. De acordo com isso, sem este objetivo claro do que se desejava alcançar, é difícil – e às vezes até mesmo inútil – pensar em caminhos. O que parece, em um primeiro momento, fazer todo sentido.

**A NOÇÃO DE PROJETO.** Curiosamente, no entanto, alguns observadores começaram a perceber que poucos, ao serem consultados em algum momento posterior de sua vida sobre o caminho percorrido, faziam efetivamente menção ao objetivo traçado tempos antes. Mais do que isso, esses observadores perceberam que os poucos que se apegaram com demasiada intensidade a essa sugestão de primeiro definir o ponto almejado para depois começar a caminhar foram justamente aqueles que menos avançaram, ficando próximos de seu ponto de partida. Isso os levou a questionar o entendimento de que o projeto de carreira deva, necessariamente, começar com o estabelecimento de um objetivo claro e específico.

Afinal de contas, o que é um projeto? O que deve fazer parte dele? A concepção apresentada anteriormente dá sinais de seus limites, até mesmo porque se percebe, de maneira clara, uma crescente e angustiante incapacidade das pessoas em projetar. Há uma dificuldade crescente de definição desse ponto focal no futuro e um desconforto enorme associado a essa incapacidade de responder com clareza à pergunta recorrente: onde é que você se vê daqui a 10 anos?

A maior parte das pessoas parece simplesmente não saber o que responder, e sofre com isso. O que está ocorrendo? Qual a razão dessa incapacidade geradora de tanta ansiedade? O que efetivamente está pressionando a eficácia desse entendimento particular da noção de projeto? Há alguma forma de entendimento alternativa que gere esquemas interpretativos e de orientação mais eficazes para profissionais envolvidos em uma dinâmica turbulenta?

**TEMPO E PLANEJAMENTO.** Uma linha de investigação é relacionar a crise dessa noção particular de projeto ao processo de aceleração do tempo. Este faz com que, na atualidade, estabeleçamos uma relação completamente diferente com o tempo e com o espaço. Obviamente, isso afeta a maneira como estabelecemos conexões entre as nossas posições no passado, presente e futuro.

O presente, acelerado e turbulento, aumenta suas exigências afastando-nos pouco a pouco do passado – que se revela inútil para fazer frente às demandas do presente. E também nos afasta do futuro – que se revela demasiadamente incerto. Essa incerteza brutal permeia não apenas a visão do futuro, mas as próprias bases do presente, afetando de maneira radical a capacidade dos atores de planejar. É muito difícil fazer qualquer plano referente ao futuro, quando a instabilidade na relação com tudo que nos cerca se manifesta de maneira tão intensa que não nos permite desviar a atenção. Estamos presos em uma armadilha urdida com os fios do imediatismo e da urgência.

Paulinho da Viola deixou registrado na letra de uma de suas músicas, muitos anos atrás, um

diálogo ocorrido em uma esquina qualquer de nossas grandes cidades, diante de um sinal fechado. Duas pessoas se encontram casualmente depois de muito tempo e, sob a pressão de um sinal que dentro em breve promoverá a sua separação, conversam. Elas estão correndo: correndo para pegar seu lugar no futuro, diz uma; correndo em busca de um sono tranquilo, diz a outra. Ao pedido de desculpas de uma pela pressa que demonstra ter, a outra responde de maneira pretensamente reconfortadora: “Oh, não tem de quê / Eu também só ando a cem”.

A letra da música parece nos fazer lembrar que não começamos propriamente a correr ontem: isso vem de longe. Mas estamos, pelo menos a maioria de nós, correndo cada vez mais. Esse processo de aceleração contínua traz naturalmente conseqüências importantes: nossa relação com o tempo e com o espaço se transforma, nossa relação com as pessoas e com as coisas também.

**CULTO À URGÊNCIA.** A urgência do presente faz com que a memória daquilo que passou se perca em meio aos ruídos e pressões do entorno. Perdemos pouco a pouco a capacidade de construir nossas narrativas e cultivar nossas lembranças – vamos transformando-nos em seres pretensamente a-históricos, cruzando olhares vazios oriundos de sensações fragmentadas. Paulinho da Viola registra: “Tanta coisa que eu tinha a dizer, / mas eu sumi na poeira das ruas / Eu também tenho algo a dizer, / mas me fogue à lembrança...”

Essa mesma urgência do presente, caracterizado por sua instabilidade e pelo contínuo estado de emergência, parece afetar seriamente nossa capacidade de nos comprometer com algum evento

futuro. Pedimos ao outro que não se esqueça, cientes da alta probabilidade de que outras promessas, mais urgentes e imediatas, o façam sim esquecer.

Algo semelhante se observa na nossa relação com o espaço. Diversos analistas têm apontado para uma retomada em nossa sociedade do antigo nomadismo. Deixamos de ser sedentários, estamos sempre em trânsito, sempre na estrada, sempre em movimento: só paramos quando há, à nossa frente, algum sinal fechado que nos impede, tem-po-ra-ria-men-te, de avançar. Casas, roupas, computadores vão sendo substituídos, assim como relações e emoções. Não namoramos, “ficamos”. Descartamos histórias e experiências, consumimos sensações e seguimos em frente em busca da vertigem propiciada pela velocidade e pela novidade. Corremos.

**FOCO OU CENTRO?** Essa relação diferenciada com o tempo é uma dimensão fundamental para a compreensão do novo capitalismo, e é frente a ela que propomos analisar a noção de projeto de carreira e projeto de vida. É possível falar em projeto quando nossa relação com o tempo passou por uma transformação tão profunda? O que significaria efetivamente um projeto nos dias de hoje?

Parece nítido e claro que não conseguimos mais associar a noção de projeto a uma descrição detalhada de um posicionamento específico em um determinado ponto no tempo. O movimento a nosso redor deixa muitos de nós tontos e sem parâmetros para estabelecer um *foco*. O que fazer? Desistir? “Experimentar” sem nenhum critério? Decidir sem parâmetros? É claro que esse tam-

bém não parece ser um caminho adequado.

Talvez uma alternativa seja mudar o modo como descrevemos os termos envolvidos em um projeto. Em vez da questão de “foco” do projeto, podemos pensar na de “centro”. Uma pessoa focada é alguém que coloca o seu objetivo fora de si. Para ela, será difícil determiná-lo em um futuro cada vez mais incerto. Em contrapartida, alguém centrado é capaz de colocar o seu objetivo dentro de si. Apesar de o futuro também ser incerto nesse caso, ao menos a empreitada será mais factível. Isso porque a pessoa, nesse caso, lida com valores e princípios, pontos nucleares dos quais ela não pretende se afastar e que orientam, momento a momento, suas decisões. Curiosamente, a palavra “foco” traz a possibilidade desses dois sentidos: ela tanto pode ser o ponto para o qual converge alguma coisa como o ponto central de onde alguma coisa se origina.

Portanto, seria sugestivo pensarmos na construção de um projeto, de vida ou carreira, considerando nosso centro interior, um ponto de origem, que dê sentido àquilo que já não é mais (o passado) e ilumine os caminhos que nos levam para aquilo que ainda não é (o futuro). Essa ligação se faz no presente: é nele que construímos as narrativas que dão sentido a nossa vida, lançando simultaneamente as redes em direção ao passado e ao futuro.

A reflexão sobre as coordenadas externas de um projeto de vida não deve, todavia, ser abandonada, mas sim colocada em uma perspectiva que acentue a importância da criação de parâmetros interiores que nos permitam lidar de maneira mais saudável com a velocidade e as exigências das mudanças. ✘

Renato Guimarães Ferreira, Professor da FGV-EAESP, [renato.ferreira@fgv.br](mailto:renato.ferreira@fgv.br)